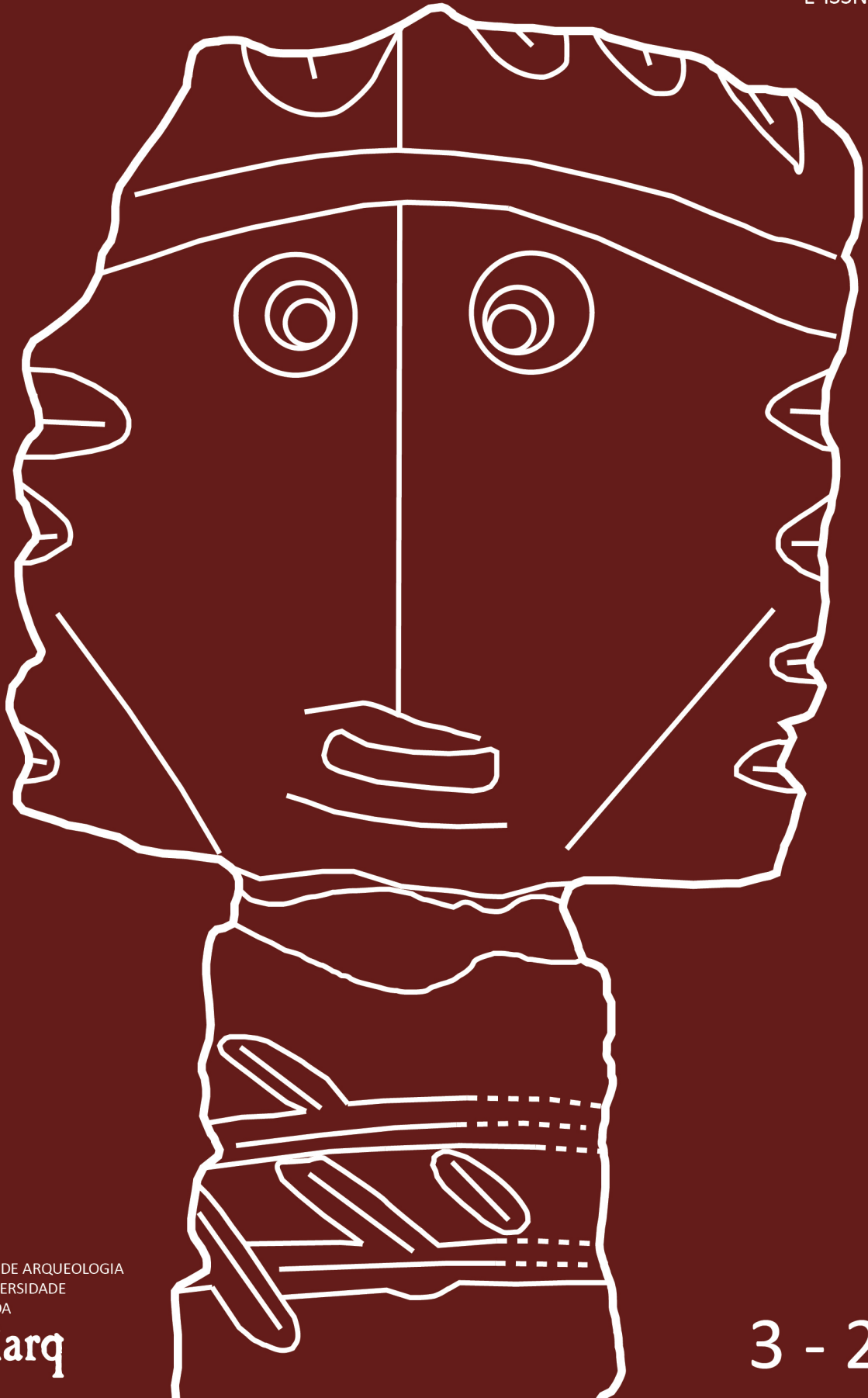


OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

ISSN 1645-653X
E-ISSN 2184-173X



OPHIUSSA



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



LETRAS
LISBOA

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



CENTRO DE ARQUEOLOGIA
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA

uniarq

OPHIUSSA. Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

Publicação anual

Volume 3 – 2019

Direcção e Coordenação Editorial:

Ana Catarina Sousa
Elisa Sousa

Conselho Científico:

André Teixeira (Universidade Nova de Lisboa)
Carlos Fabião (Universidade de Lisboa)
Catarina Viegas (Universidade de Lisboa)
Gloria Mora (Universidad Autónoma de Madrid)
Grégor Marchand (Centre National de la Recherche Scientifique)
João Pedro Bernardes (Universidade do Algarve)
José Remesal (Universidade de Barcelona)
Leonor Rocha (Universidade de Évora)
Manuela Martins (Universidade do Minho)
Maria Barroso Gonçalves (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa)
Mariana Diniz (Universidade de Lisboa)
Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
Xavier Terradas Battle (Consejo Superior de Investigaciones Científicas)

Secretariado: André Pereira

Capa: André Pereira sobre amuleto de osso de Mirobriga (desenho de Filipe Sousa).

Revisor de estilo: Francisco B. Gomes

Paginação: Elisa Sousa

Impressão: Europress

Data de impressão: Dezembro de 2019

Edição impressa (preto e branco): 300 exemplares

Edição digital (a cores): www.ophiussa.letras.ulisboa.pt

ISSN: 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

Depósito legal: 190404/03

Copyright © 2019, os autores

Edição: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, 1600-214 – Lisboa.
www.uniarq.net - www.ophiussa.letras.ulisboa.pt - uniarq@letras.ulisboa.pt

Revista fundada por Victor S. Gonçalves (1996).

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi opção de cada autor.

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UID/ARQ/00698/2013.

ÍNDICE

CÉSAR NEVES - <i>O Neolítico Médio em Portugal: percurso de investigação</i>	5
SEBASTIÁN CELESTINO PÉREZ - ESTHER RODRÍGUEZ GONZÁLEZ - <i>El santuario de Cancho Roano C: un espacio consagrado a Baal y Astarté</i>	27
JOÃO PIMENTA - CARLOS TAVARES DA SILVA - JOAQUINA SOARES - TERESA RITA PEREIRA - <i>Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos</i>	45
GIL VILARINHO - <i>A terra sigillata do Castro de Romariz (Santa Maria da Feira, Aveiro): da romanização ao abandono de um povoado fortificado no Noroeste Peninsular</i>	81
ANA MARGARIDA ARRUDA - <i>Ânforas da Quinta do Lago (Loulé, Portugal): as importações</i>	93
FILIPA ARAÚJO DOS SANTOS - <i>Estudos sobre a cerâmica comum da Oficina de Salga 1 de Tróia (Grândola, Portugal): contextos da primeira metade do século V</i>	111
CATARINA FELÍCIO - FILIPE SOUSA - <i>Dois amuletos em osso de Mirobriga - evidências do culto de Magna Mater?</i>	133
TÂNIA MANUEL CASIMIRO - SARAH NEWSTEAD - <i>400 years of water consumption: early modern pottery cups in Portugal</i> ..	145
JOAQUINA SOARES - LÍDIA FERNANDES - CARLOS TAVARES DA SILVA - TERESA RITA PEREIRA - SUSANA DUARTE - ANTÓNIA COELHO-SOARES - <i>Preexistências de Setúbal: intervenção arqueológica na Rua Vasco Soveral 8-12</i>	155
RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS (textos de António F. Carvalho, Victor S. Gonçalves, Francisco B. Gomes, Carlos Pereira, Jesús Acero Pérez e Carmen R. Cañas).....	185
IN MEMORIAM - PEDRO MIGUEL CORREIA MARQUES (1979 - 2019) (texto de Amílcar Guerra).....	211

OPHIUSSA

VOLUME 3, 2019, PÁGINAS 133-143. SUBMETIDO A 13.02.2019. ACEITE A 11.07.2019.

DOIS AMULETOS EM OSSO DE MIROBRIGA - EVIDÊNCIAS DO CULTO DE MAGNA MATER?

TWO BONE AMULETS FROM MIROBRIGA - EVIDENCE FOR THE CULT OF MAGNA MATER?

CATARINA FELÍCIO¹
FILIPE SOUSA²

RESUMO

O estudo de contextos provenientes de escavações antigas em *Mirobriga* (Santiago do Cacém) levou à identificação de duas figuras antropomórficas em osso, com atributos femininos. Estas figuras em osso apesar de terem vindo a ser identificadas em diversas escavações, quer em Portugal quer em algumas partes de Espanha, têm-se mantido algo enigmáticas relativamente ao seu significado, pelo que a identificação e publicação de um conjunto destas figuras num edifício de provável função religiosa, em *Augusta Emerita*, permitiu trazer alguma luz acerca da sua função e possível contexto religioso.

Assim, o presente artigo procura contribuir para o conhecimento e debate destes objectos, adicionando dois exemplares, um dos quais com contexto estratigráfico associado, aos já conhecidos e publicados.

Palavras-chave: *Lusitania*, *Mirobriga*, amuleto, feminino, Baixo-Império .

ABSTRACT

The analysis of data and contexts of old research excavations in *Mirobriga* (Santiago do Cacém) led to the identification of two bone anthropomorphic figures with feminine features. Although these objects are relatively common in several sites both in Portugal and certain parts of Spain, its function and significance has remained quite enigmatic. As such, the identification and publication of a group of these figures in a building with a probable religious function, in *Augusta Emerita*, has shed some light as to its possible meaning and religious background.

This paper aims to add to the knowledge and discussion of these objects, by adding two more subjects, one with associated stratigraphic context, to the already known and published ones.

Keywords: *Lusitania*, *Mirobriga*, amulet, feminine, Late Roman.

1 - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. kate.felicio@hotmail.com

2 - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. filipe.alb.sousa@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A reanálise de contextos provenientes das campanhas de 1954/55, coordenadas por Maria de Lourdes Costa Arthur, realizada no âmbito da Dissertação de Mestrado de um dos signatários (Felício 2019) e em paralelo com o projecto «TABMIR-*Tabernae* de *Mirobriga*», permitiu a identificação como amuleto de uma figura feminina esculpida em osso. O objecto, oriundo do agora designado Edifício C, escavado em 1955, fora originalmente publicado pela investigadora (Arthur 1983: 95 e 97), tornando, mais tarde a ser apresentado (Matias *et al.* 2010: 36, peça n.º 1) sem, contudo, ter sido identificado como amuleto. Um outro exemplar idêntico, descontextualizado, encontra-se patente na exposição permanente do Centro Interpretativo de *Mirobriga*, pelo que será incluído nesta publicação.

Este tipo de amuletos, comuns na *Lusitania*, representam uma figura antropomórfica desnuda onde ressaltam os atributos femininos, e tem vindo a ser associada ao culto de *Cybele* ou *Magna Mater* (Heras - Bustamante - Aranda 2012), em virtude da identificação, em *Emerita Augusta*, de um conjunto de sete exemplares encontrados no nível de abandono de um edifício cujas características arquitectónicas singulares permitem a sua inscrição na prática de rituais de sacrifício animal, nomeadamente o *taurobolium* (Heras 2011, Heras - Olmedo - Pérez 2017: 726-728).

Em consequência de já ter sido efectuado um estudo recente destes amuletos (Heras - Bustamante - Aranda 2012), apenas nos propomos, neste trabalho, a dar notícia dos exemplares identificados em *Mirobriga*, ampliando um pouco a dispersão geográfica conhecida para este tipo de amuletos: num caso associa-se ao estudo o contexto estratigráfico em que foi encontrado, porque contribui para o conhecimento da cronologia destes objectos, dado que o segundo exemplar, como acima referido, não tem contexto associado conhecido.

A cidade romana de *Mirobriga*, situada junto da actual Santiago do Cacém, teve origem num antigo povoado indígena, com ocupação atestada desde os séculos IX/VIII a.C. (Soares - Silva 1979, Ponte 1979), tendo adquirido os contornos urbanísticos que hoje conhecemos entre os meados do século I d.C. e as primeiras décadas do século II d.C., com base nos dados actualmente conhecidos (Biers *et al.* 1988, Quaresma 2012, Sousa 2018, Teichner *et al.* 2018). Ainda durante a primeira metade do século III d.C., ter-se-á dado um fenómeno, de contornos

ainda não totalmente estabelecidos, caracterizado pelo abandono de alguns edifícios e sua utilização como lixeira, sendo que, em alguns deles, a partir dos meados desse século, tiveram lugar diversas reestruturações de carácter disruptivo, aproveitando parte destes edifícios parcialmente arruinados (Sousa 2018: 101-107, Felício 2019: 141-146). O que período que decorre desde essas transformações urbanísticas, situadas entre os meados do século III e os inícios do IV d.C., e os dados cerâmicos mais tardios, que atestam a ocupação do espaço da cidade até, ao início do século VI d.C. (Quaresma 2012) é ainda, em grande medida, desconhecido.

Acerca da matriz religiosa da cidade, conhecem-se apenas o templo principal do *Forum*, algumas edículas na praça e um possível segundo templo, situado a Oeste da praça, quem tem vindo a ser atribuído ao culto de *Vénus* (Almeida 1964), tendo também sido, recentemente sugerido que estivesse relacionado com o culto Imperial (Teichner 2018: 159), não havendo, contudo, estudos específicos, até ao momento, relativos a que entidades estariam dedicados os diferentes espaços de culto do *Forum*. Quanto às entidades cultuadas, os dados epigráficos não são abundantes, correspondendo a maioria das epígrafes conhecidas a epítáfios. A par do culto Imperial, até ao momento apenas se encontra atestado o culto de três divindades, contando apenas com quatro inscrições votivas, uma dedicada a Esculápio, outra a Marte e duas a *Vénus*, provenientes de escavações antigas, algumas das quais apenas conhecemos réplicas, conservadas num fontanário em Santiago do Cacém (Encarnação 1984: 217-250).

2. OS AMULETOS

Os exemplares aqui em apreço consistem em duas figuras antropomórficas, esculpidas numa lasca ou fragmento de osso, possuindo um orifício lateral que permitia a sua suspensão.

Os exemplares já publicados são esculpido num só fragmento, provavelmente obtido a partir de um osso de grande diâmetro e denso, que funcionaria como “núcleo”, de forma a se poder extrair uma lasca uniforme que facilitaria o processo da manufatura (Heras - Bustamante - Aranda 2012: 179).

Nos nossos exemplares apenas o primeiro apresenta as características compatíveis com um osso de alta densidade, verificando-se frio ao toque e possuindo um som semelhante ao do vidro quando percutido, pelo que colocamos a possibilidade de se tratar de marfim. Já o exemplar nº2 foi esculpido num

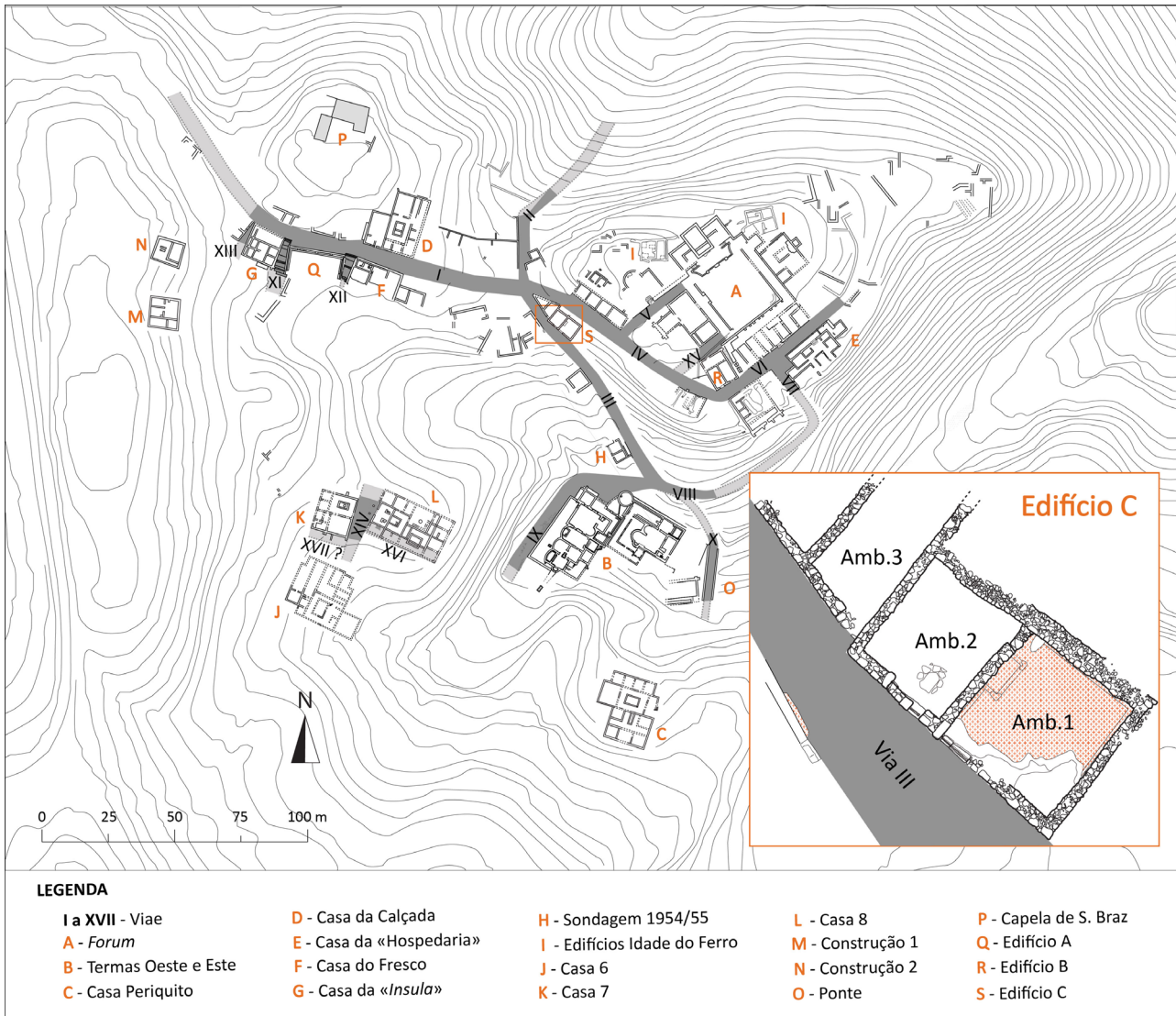


Fig. 1 - Planta geral de *Mirobriga* e localização do Edifício C.

fragmento de osso de baixa qualidade, poroso e leve.

A técnica de trabalho do osso é idêntica entre ambos e consiste no talhar da forma geral do corpo da figura e, posteriormente, serem efectuadas incisões por meio de uma ferramenta de corte ou lâmina, que definem os traços fisionómicos da figura bem como alguns adornos ou vestuário. Os olhos correspondem a duas perfurações, possivelmente efectuadas através de um punção giratório, apresentando as mesmas características de execução de outros objectos em osso, como dados de jogo, de agulhas ou cabos de cutelaria.

Finalmente, as figuras seriam submetidas a um processo de polimento de forma a uniformizar a superfície e eliminar as arestas vivas decorrentes do processo produtivo (*Idem*: 193), sendo este polimento notório no exemplar nº1.

Este (fig. 2), pelos atributos visíveis, representa uma figura feminina, sendo visível, o umbigo e, abaixo deste, uma linha transversal curva que, por um lado sugere barriga protuberante, por outro, e à luz dos outros exemplares conhecidos, trata-se da representação do triângulo púbico, cuja representação inferior está em falta em virtude de a peça se encontrar partida. Relativamente à zona do peito, este exemplar apresenta-se distinto dos restantes publicados, nomeadamente pela ausência das linhas cruzadas na zona dos ombros e pela ausência de mamilos. Por outro lado, a configuração das arestas e linhas incisas presentes neste exemplar aparentam representar uma peça de vestuário que lhe cobre toda a zona superior do tronco, pelo que poderá constituir uma variante tipológica.

O rosto é representado de forma geométrica e

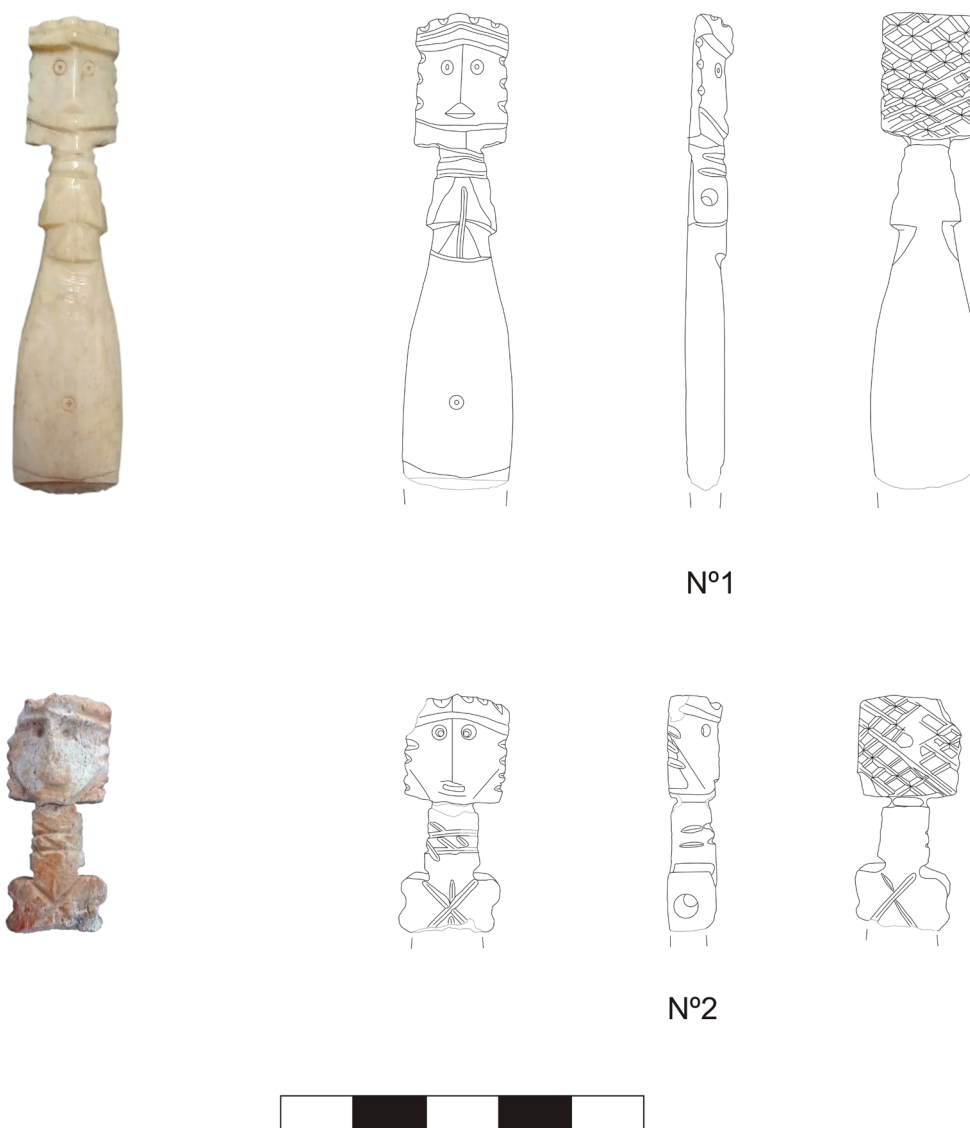


Fig. 2 - Amuletos provenientes de *Mirobriga*.

estilizada e está enquadrado numa superfície de tendência quadrangular estruturado por meio de uma aresta ao centro demarcando a linha do nariz. O queixo é formado por duas linhas oblíquas traçadas desde o limite exterior do rosto e encontrando-se ao centro do rosto, um pouco acima do pescoço. Aí, duas linhas paralelas sugerem a representação de um adorno. No topo da cabeça nota-se a intenção de um penteado, representado por quatro incisões verticais sugerindo a ondulação do cabelo, sendo este motivo também representado nos lados da face, por incisões horizontais, e no reverso por uma malha de linhas oblíquas.

Os membros superiores estão ausentes e, no seu lugar, um orifício atravessa a figura de um lado ao outro indicando a função de suspensão, possivelmente ao pescoço mediante fio vegetal ou, menos provavelmente, metálico. A ser este o caso, o fio poderia simbolizar os braços da figura, o que justificaria a ausência dos mesmos e conferiria ao objecto uma função protectora ao simbolizar o abraço à volta do pescoço do utilizador.

Por outro lado, a ausência de braços não parece dever-se a limitações relacionadas com falta de superfície trabalhável no fragmento, uma vez que, sendo a cabeça mais larga que o resto do corpo, o

fragmento de osso em bruto deverá ter tido essa largura ou mais, o que teria permitido a representação de braços estendidos ao longo do torso, pelo que a sua ausência na figuração afigura-se intencional.

Quanto ao exemplar nº2 (fig. 2), dele se conserva apenas a cabeça e os ombros, verificando-se os mesmos traços demarcadores do rosto que na peça anterior. Os elementos que permitiriam a sua atribuição ao sexo feminino não se conservaram. Contudo, as características estilísticas que se preservaram são suficientes para inscrever na mesma tipologia. No pescoço mostra também duas linhas paralelas e, pelo menos, três oblíquas, sugerindo um adorno. Ao centro do peito estão duas linhas incisas cruzadas, possivelmente representando, também, um adorno, fazendo lembrar o existente em algumas estátuas de *Venus* e que consistem em finas correntes que cruzam o peito desnudo, ou uma forma muito estilizada de representação de vestuário.

São numerosos os paralelos existentes para estes amuletos. A localização dos achados situa-se sobretudo na *Lusitania*, com as exceções de Elche, na *Tarraconensis* e de alguns outros recuperados em cidades da *Baetica* periféricas a *Augusta Emerita*, tais como *Contributa Iulia* e o assentamento de La Sevillana, ambas na região de Badajoz (Heras - Bustamante - Aranda 2012: 183 e 184).

Quanto à questão cronológica, as peças provenientes de contexto estratigráfico apontam

para cronologias situadas no Baixo-Império, entre os séculos III d.C. e o V d.C., parecendo desaparecer do registo arqueológico ainda na primeira metade do século V d.C. (*Idem*: 185 e 186).

3. O CONTEXTO ESTRATIGRÁFICO E A CRONOLOGIA

O amuleto em contexto, o exemplar nº1, foi dado como oriundo das escavações de João Gualberto da Cruz e Silva (Matias *et al.* 2010: 36, peça n.º 1), que como é conhecido trabalhou sobretudo os dois edifícios termas, embora tenha aflorado também, em menor medida, outras zonas da cidade, como o *forum* (*Idem*: 20-21). Todavia, a revisão da publicação das escavações em *Mirobriga* em 1954-1955 de Maria de Lourdes Costa Arthur (1983), permitiu verificar com precisão que o objecto havia sido recuperado em 1955 no chamado "Estrato III" da Casa 2 (Arthur 1983: 95, fig.2), correspondente ao Ambiente 2 do complexo que designámos por Edifício C (Fig. 3).

A parte actualmente conhecida deste edifício é composta por quatro compartimentos de dimensões que variam entre si e cujo acesso se faz pela via, de forma independente a cada um deles. Esta questão é excepcional aos Ambientes 1 e 2 que aparentam ter tido uma ligação entre si, junto ao muro tardoz, e que entretanto terá sido fechada

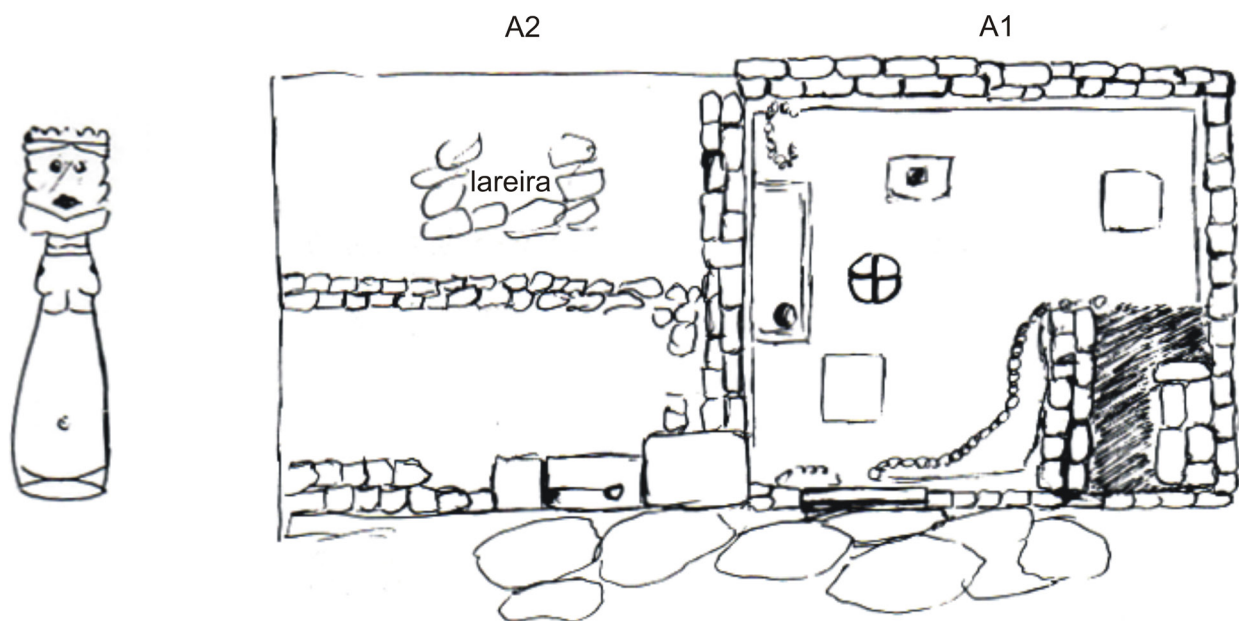


Fig. 3 - Desenho e esboço do amuleto e do Edifício C, respectivamente, publicados por M. L. Costa Arthur (adaptado de Arthur 1983: 95 e 98).

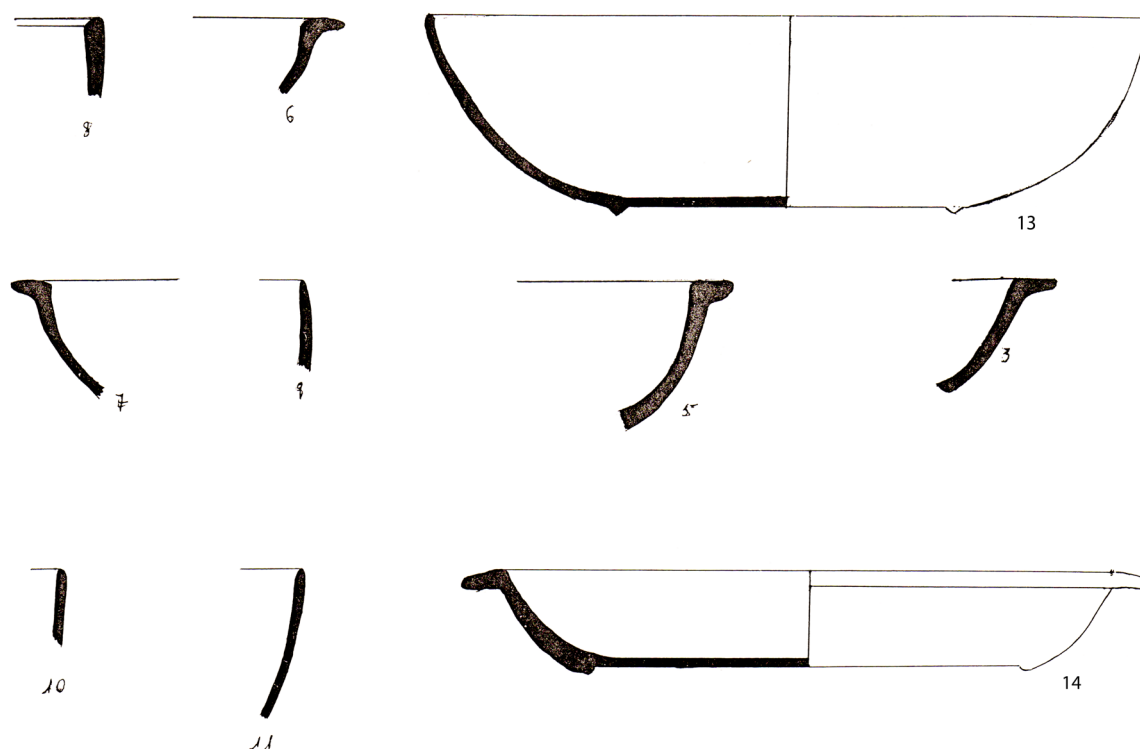


Fig. 4 - Materiais provenientes do "Estrato III", publicados por M. L. Costa Arthur (adaptado de Arthur 1983: 101-102).

aquando de uma reformulação do espaço. Os vãos destes dois ambientes apresentam-se largos e com uma soleira típica dos edifícios comerciais, oficinas ou de armazenamento, pelo que inscrevemos o edifício numa funcionalidade deste tipo.

O amuleto foi encontrado numa unidade designada por "Estrato III" que, com base na descrição da autora, corresponde a um nível que incluía o colapso do telhado e os níveis estratigráficos subjacentes (Arthur 1983: 94-97). Esta realidade foi identificada na parte mais interior do Ambiente 2, numa compartimentação interna, identificada em 1955 e entretanto desmontada, na qual foi descrita a existência de uma lareira construída em cima de um pavimento em terra batida (*Idem*: 97).

As estruturas descritas coadunam-se com uma adaptação do antigo espaço comercial a uma função habitacional que, de acordo com os elementos datantes publicados, poderá datar do século III d.C. Esta adaptação inscreve-se, cronológica e morfológicamente, num fenómeno que tem vindo a ser diagnosticado na cidade em torno aos meados desse século, onde diversos edifícios sofrem profundas reestruturações internas que, em muitos casos, terão alterado a sua função primordial (Sousa 2018: 101-107; Felício 2019: 141-146).

Deste "Estrato III", que cobria estas realidades ocupacionais, é proveniente a maioria dos diversos materiais publicados pela autora, coadunáveis com um contexto de lixeira doméstica que deverá corresponder ao abandono do espaço enquanto habitação, tais como grande quantidade de ossos, conchas e fragmentos de cerâmica, tendo sido também encontrados três numismas, conjunto que analisámos a partir da publicação de Costa Arthur (1983: 96 e 99-102).

Ressaltam do contexto, como elementos contendo informação mais qualificada em termos cronológicos, o conjunto de *terra sigillata* africana e os numismas. Estes últimos correspondiam a um antoniniano de *Gallienus*, com uma cunhagem de 254 d.C. a 268 d.C., um outro de *Claudius II*, cunhado no período de 269 d.C. a 270 d.C., e um *folles* de *Licinius*, cunhado entre 307 d.C. e 323 d.C. (*Idem*: 96). No que respeita aos fragmentos de *terra sigillata* (Fig. 4), onde as produções africanas eram exclusivas, merecem menção como elementos classificáveis tipologicamente: um fragmento de bordo de Hayes 3C, em fabrico A (Frag. 1), com uma cronologia situada entre 150 d.C. e 220 d.C. (Hayes 1972: 20-23; Quaresma 2012: 163-164); um fragmento de bordo da forma Hayes 14B, também em fabrico A (Frag. 8),

com uma cronologia de meados do século II d.C. a início do IV d.C. (Hayes 1972: 39-41; Quaresma 2012: 165-167), sugerindo Michel Bonifay que a variante se possa circunscrever somente à primeira metade do séc. III d.C. (Bonifay 2004: 159); dois fragmentos de uma mesma peça da forma Hayes 27, em fabrico A (frag. n.º 13), com uma cronologia situável entre 160 d.C. e 300 d.C. (Hayes 1972: 51; Quaresma 2012: 167-168) bem presente nos níveis de circulação do séc. III d.C. da necrópole de *Pupput*, no que concorda com as propostas de datação antes avançadas para os contextos de *Ostia* (Bonifay 2004: 159); dois bordos (Frag. 6 e 7) apresentam convexidade no topo do bordo, pelo que podem inscrever-se na forma Hayes 32/58, situada cronologicamente entre os finais do século III d.C. e início do século IV d.C. (Hayes 1972: 95-96; Quaresma 2012: 196); três fragmentos de bordo da forma Hayes 50, em fabrico C (Frag. 9, 10 e 11), sendo o primeiro atribuível à variante A, com uma cronologia entre 240 d.C. a 300 d.C. (Hayes 1972: 68-73), e os restantes à variante A/B, situada cronologicamente entre 300 d.C. e 360 d.C., podendo alcançar o século V d.C. (Hayes 1972: 73; Quaresma 2012: 177); três fragmentos de bordo da forma Hayes 58A (Frag. 3, 5 e 14), em fabrico D, situável entre 290/300 d.C. a 375 d.C. (Hayes 1972: 95-96), podendo chegar a inícios do século V d.C. (Quaresma 2012: 196-197).

O conjunto de materiais enunciados situa o *terminus post quem* para a formação do “Estrato III” a partir da primeira década do século IV d.C., não devendo exceder em muito os meados desse mesmo século a sua formação. Assim, podemos avançar que o amuleto identificado neste contexto terá sido descartado num momento dentro da primeira metade do século IV d.C., podendo a sua produção e aquisição remontar ainda ao século III d.C.

Desconhecemos a proveniência do outro exemplar aqui em apreço, atribuído a escavações antigas (exposição permanente do Centro Interpretativo de Miróbriga), da qual não se possuem todavia quaisquer informações contextuais, não sendo por isso possível tecerem-se comentários quanto à sua cronologia.

4. OS AMULETOS E SUA POSSÍVEL RELAÇÃO COM O CULTO DE MAGNA MATER

A funcionalidade e cronologia destas figuras foram, durante bastante tempo, alvo de debate. A sua relação com o culto de *Magna Mater* foi proposta em 2012 e prende-se com a recuperação, em *Augusta*

Emerita, de um conjunto de sete exemplares no chamado *Edificio de las Aves y de las Flores*, identificado na actual Calle Almendralejo nº 41 (Heras 2011; Heras - Bustamante - Aranda 2012: 193).

O edifício, cuja construção é datável da segunda metade do século IV d.C., apresenta uma planta de cariz basilical com três compartimentos e uma fachada porticada. O compartimento maior, de tendência quadrangular, apresentava duas filas de três colunas no sentido Sudoeste-Nordeste, estruturando o compartimento em três naves. O pavimento do espaço, em *opus signinum*, no qual se encontravam encastrados dois recipientes cerâmicos de forma troncocónica, de bordo decorado, e três pequenos *dolia*, para os quais, por meio de sulcos no pavimento, fluiria um determinado líquido. O complexo foi associado à prática de sacrifícios nos quais se pretendia recolher o sangue do animal oferecido (Heras 2011: 20-28 e 81-82; Heras - Bustamante - Aranda 2012: 193; Heras - Olmedo - Pérez 2017: 725-726).

Ao centro do compartimento, numa área rectangular delimitada por uma cana em *opus signinum*, foram recuperados dezenas de recipientes de bronze tais como *situlae*, *paterae* e *lagoenae*, identificados no nível de abandono do edifício e atribuídos ao seu período de funcionamento (Heras 2014: 1536). O conjunto de possíveis amuletos em osso foi encontrado sob o derrube de um paramento, junto a um vão entre dois compartimentos anexos ao edifício (Heras 2011: 132).

As características arquitectónicas do edifício, nos quais se incluem os motivos decorativos dos fragmentos recuperados de pintura a fresco, bem como os materiais encontrados em contexto levaram à interpretação do espaço como uma estrutura adequada à prática de um ritual de sacrifício animal, eventualmente um touro ou um carneiro, onde os participantes se banhavam no sangue do animal sacrificado, o *taurobolium*, ritual que se encontra associado ao culto de *Cybele* ou *Magna Mater*. A concorrer para esta interpretação encontra-se também o achamento, no século XIX, a cerca de 100 metros do local, de uma *ara* taurobólica dedicada à *Matri Deum* que poderia ter relação com o edifício (Heras 2011: 82-83; Heras - Bustamante - Aranda 2012: 197; Bayer 2015: 20).

O culto de *Cybele/Magna Mater/Matri Deum* encontrava-se amplamente difundido na *Lusitania*, sendo esta a *provincia* que possui mais monumentos epigráficos dedicados a esta divindade (Turcan 1989: 64; Heras - Bustamante - Aranda 2012: 183-184; Bayer

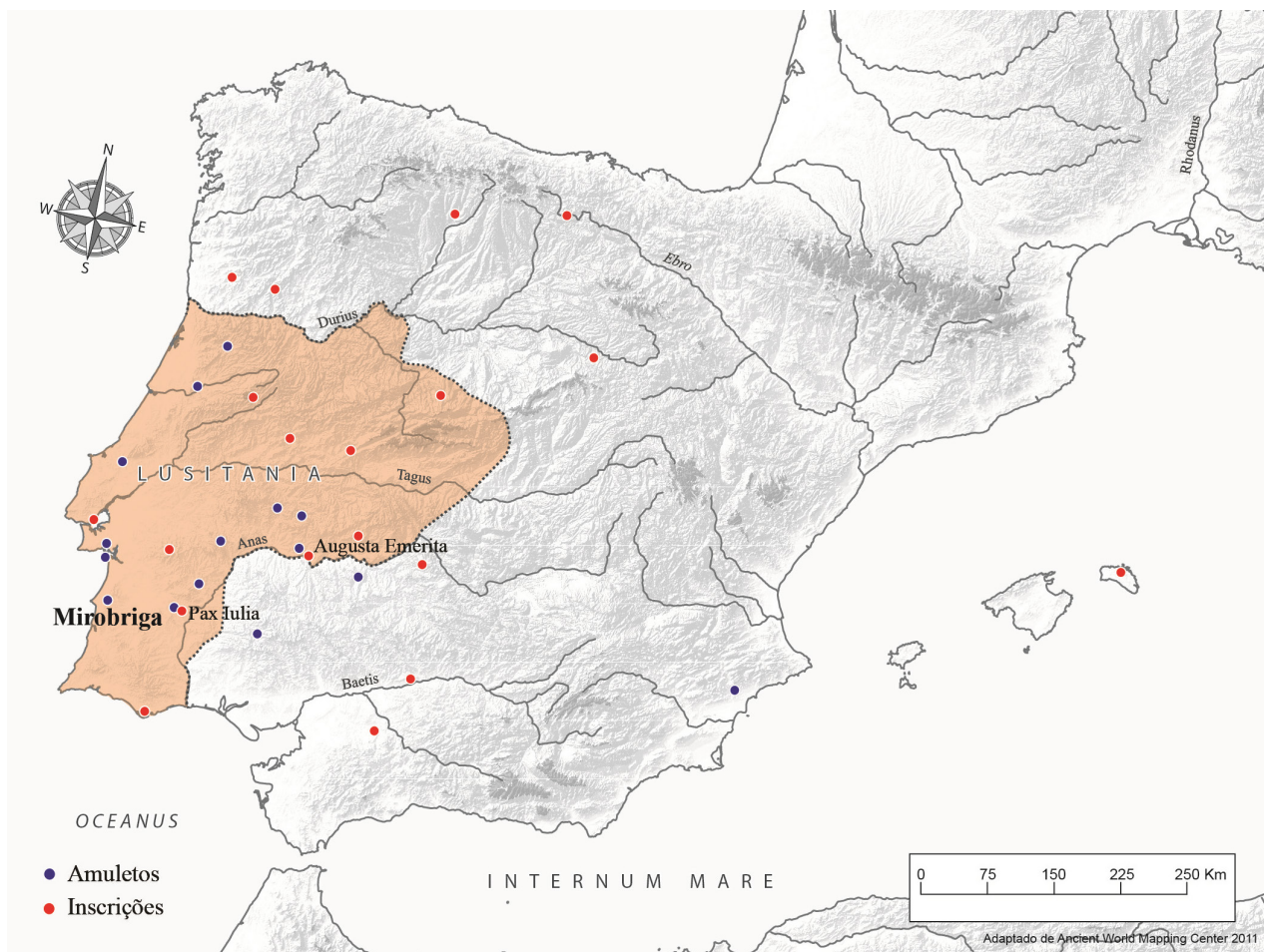


Fig. 5 - Distribuição geográfica dos amuletos e inscrições dedicadas a *Magna Mater* adaptado de Heras - Bustamante - Aranda 2012: 184 e 205.

2015: 14), o que constitui um resultado interessante considerando que também a maioria dos amuletos se encontram em contextos lusitanos. Tal como avançou Turcan (1989: 64), esta distribuição epigráfica poderá dever-se a uma forte presença de escravos e libertos de origem oriental no ocidente da *Hispania*.

Todavia, para além da possível associação do edifício de culto identificado em *Augusta Emerita* à entidade de *Magna Mater*, os motivos vegetalistas e penas de pavão representados nos fragmentos de fresco recuperados, elementos comuns na iconografia tardo-romana, poderão apontar ainda para uma possível associação a *Hera/luno*, sendo o pavão a ave associada a esta divindade (Heras 2011: 58-59), à qual, na tradição puramente itálica, também seriam sacrificados bovinos, em particular vacas (Beard - North - Price 1998: 72), e que, à data, poderia estar sincretizada com *Cybele/Magna Mater*.

Este sincretismo poderá ser intuído na inscrição CIL II 2521: *lunoni / [Mat]ris(?) / Deum / [A] emilia / Flavina*, encontrada em Monterrey (*conventus*

Bracaraugustanus, Hispania Citerior) (Bayer 2015: 37) bem como pela associação, numa ara votiva encontrada em *Duraton (conventus Cluniensis, Hispania Citerior)*, de *Iupiter a Magna Mater* (Bayer 2015: 41), remetendo para a possibilidade de se tratar de *luno*, sua consorte:

HEp 8: *lovis / TAS / Sempiterni / ponere / pos(it)urum / lovis ex voto / Mater iussit / animarum / [p]er omnium / deorum m(agna) / omnerum / [e]t Mater Deum / [Ma]tris Terrae / [Ma]tri ex vot[o] / a]ram Terrae / [A]mman).*

O inter-sincretismo de diversas divindades é relativamente comum, surgindo figuras como *Isis-Aphrodite*, que exhibe características de ambas as entidades isoladas. Estaremos, por isso, na presença de um sincretismo da *Cybele/Magna Mater* frígia com atributos normalmente associados a *luno/Diana Lucina*, entidades protectoras da fertilidade, gravidez e nascimento?, esta última a quem se conhecem



Fig. 6 - A: Amuletos femininos provenientes de contextos lusitanos adaptado de Heras - Bustamante - Aranda 2012: 179 e 181; B: Amuletos femininos provenientes de contextos Calcolíticos e da Idade do Bronze de Pietrele e Stara Zagora, respectivamente, adaptado de Hansen 2011:126, Gimbutas 1982:161.

representações de exacerbação de atributos femininos (veja-se o exemplo de *Diana/Artemis* de *Ephesos*), ou sincretizada com uma divindade autóctone?

Quanto às características morfológicas dos amuletos em apreço, a representação de um corpo feminino desnudo, com uma exibição os atributos marcadamente femininos, apesar de apontar no sentido de uma Deusa Mãe, não se coadunam facilmente com figura a tradicional de *Cybele/Magna Mater*, cujas representações assumem uma pose majestosa e vestida, normalmente sentada num trono. A análise dos elementos incisos, que por um lado sugerem adornos mas, por outro, indumentária, a par dos vestígios de decoração pictórica presentes em alguns exemplares, poderá contribuir para uma melhor leitura desses elementos e, conseqüentemente, para uma atribuição mais segura a uma determinada divindade. Damos, a título de exemplo, o exemplar de Santa Vitória do Ameixial (INV 18533), sito no Museu Nacional de Arqueologia (matriznet.dgpc.pt), que aparenta ter pintada uma peça de vestuário apenas da cintura para baixo.

De facto, uma das peculiaridades do culto de *Magna Mater* na *Lusitania* é a ausência de *Attis*, não surgindo o culto deste par sagrado, verificando-se o contrário no resto da *Hispania*, onde é *Attis* quem

surge mais representado. Esta ausência podia ser explicada com a identificação, pelos habitantes desta região, de *Magna Mater* com uma Grande Deusa Mãe autóctone, de tradição antiga (Reis 2014: 90), eventualmente *Ataegina* (Turcan 1989: 64). Esta permeabilidade e incorporação religiosa encontram paralelo noutros pontos do Mediterrâneo, como a *Gallia Narbonensis* ou o Sul de *Italia*, onde o culto da *Magna Mater* Oriental parece ter-se acoplado ao de divindades femininas autóctones fortemente cultuadas nessas regiões (Turcan 1989: 61-68). No que à *Lusitania* diz respeito, a existência de um culto de *Magna Mater* com origem em factores e predisposições regionais permitiria explicar quer a peculiaridade morfológica dos amuletos quer a sua circunscrição regional (fig. 5).

Todavia, a estes dados devemos somar a ausência, nas diversas fontes relativas ao culto de *Cybele/Magna Mater*, de um amuleto ou pendente utilizado pelos crentes, existindo apenas referência a uma bracelete em ouro utilizada pelos sacerdotes (Turcan 1989: 57).

A propósito desta questão, veja-se a afinidade morfológica e estética entre estas figuras e as de cronologia Calcolítica e da Idade do Bronze dos Balcãs, designadamente exemplares de Pietrele (Hansen 2011: 126, fig.11) e Stara Zagora (Gimbutas

1982: 161, fig. 151) (fig. 6). Assomando como evidente o desfasamento cronológico entre umas e outras, em sentido inverso, e todavia, sobressaem os elementos de analogia: em primeiro lugar, trataram-se de representações de uma divindade feminina, mais ou menos longinquamente evocativa de uma primordial “Deusa-Mãe” (Gimbutas 1982); em segundo lugar, e de maneira assaz sugestiva, a similar funcionalidade dos objectos, destinados a um uso devocional estritamente personalizado. Será, portanto, de questionar que mecanismos poderão ter estado em acção na transmissão de uma mesma linguagem estética, morfológica, religiosa e funcional, se é que existiu de todo, e que papel nela terão, eventualmente, desempenhado fenómenos conjunturais históricos bem documentados para a *Hispania*, designadamente a difusão religiosa dos cultos orientais e a atestada migração de indivíduos de origem oriental para o espaço lusitano (Turcan 1989: 64).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença destes dois amuletos na cidade de *Mirobriga* não constitui um dado novo no que à sua distribuição geográfica se refere, pelo que vem apenas confirmar a sua prevalência em contextos lusitanos. Esta prevalência, acompanhada por uma aparente concentração em *Augusta Emerita*, e por uma tipologia relativamente homogénea, cuja estética simples, tosca e repetitiva poderá apontar para uma produção massiva, possivelmente num único local, servindo de base para a possibilidade de um centro distribuidor localizado na capital lusitana (Heras - Bustamante - Aranda 2012: 183-184). A verificar-se a sua origem emeritense, uma das hipóteses para a sua distribuição seria o seu possível carácter de amuleto apotropaico, que poderia ser comprado pelos devotos na sequência da deslocação, talvez sazonal, a um festival religioso que aí teria lugar.

Uma outra hipótese para a sua uniformidade de características seria a divulgação de um modelo que, sendo facilmente reconhecido era também facilmente manufacturado, não sendo, assim, de descartar a hipótese de uma produção noutra(s) espaço(s) que não o emeritense.

Tendo em conta o exposto *supra* relativamente aos atributos dos amuletos, apesar de não descartarmos a possibilidade da sua relação exclusiva com *Cybele/Magna Mater*, salientamos as características presentes nos amuletos, que denotam uma estreita relação com o ciclo feminino, podendo

consistir num sincretismo desta com uma outra divindade mais ligada a este aspecto, eventualmente *Demeter/Ceres* (Heras 2011: 132), *Iuno/Diana Lucina* ou até, de acordo com a ideia também avançada por Rodriguez (1991/1992: 214-215 *apud in* Heras - Bustamante - Aranda 2012: 183), uma Deusa Mãe indígena a quem esta tivesse sido associada, compatível com a proposta de Turcan (1989: 64) para a permeabilidade de entrada do culto metróaco na fachada ocidental da península.

A identificação destes amuletos, para além de permitir colocar mais um ponto no mapa da sua distribuição, lega-nos alguns dados acerca das crenças religiosas de, pelo menos, alguns dos habitantes de *Mirobriga*. Com efeito, o culto de *Cybele/Magna Mater* em *Mirobriga* havia já sido sugerido anteriormente através de um fragmento escultórico marmóreo onde surgem um pano de muralha e uma torre, que tem vindo a ser interpretado como o fragmento de uma *corona muralis* pertencente à estátua de uma divindade protectora (Barata 1997: 14), embora este elemento não seja exclusivo desta divindade, nem existam, até ao momento, evidências epigráficas do seu culto nesta cidade. Do mesmo modo, a existência de um edifício de culto em *Mirobriga* não pode ser intuído apenas com base na presença destes objectos, uma vez que se tratam de amuletos pessoais, com um local de produção ainda desconhecido mas não necessariamente local ou próximo.

Quanto aos dados cronológicos, é clara a associação a um contexto de abandono da primeira metade do século IV d.C., de, pelo menos, um dos exemplares, confirmando a cronologia da Antiguidade-Tardia já apontada por outros autores (Maluquer 1956, Balil 1962 *apud in* Heras - Bustamante - Aranda 2012: 182).

Por fim, não podemos deixar de assinalar a possível associação entre a cronologia de surgimento destas figuras, o século III d.C., e as transformações sociopolíticas que tiveram lugar durante este século, ideia também proposta por Heras, Bustamante e Aranda (2012: 183). A sua existência, bastante restrita geográfica e temporalmente, parece constituir um epifenómeno religioso circunscrito à *Lusitania* e situado entre os séculos III d.C. e primeira metade do V d.C., fruto, eventualmente, dos tempos de mudança que se faziam sentir.

AGRADECIMENTOS

Os autores gostariam de agradecer a Fernanda Vale, do Museu Municipal de Santiago do Cacém, e

a Manuela de Deus, da Direcção Regional de Cultura do Alentejo, pela informação cedida e pelo acesso ao espólio das intervenções antigas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, F. de (1964) - *Ruínas de Miróbriga dos Célticos (Santiago do Cacém)*. Setúbal.
- ARTHUR, M. L. C. (1983) - Miróbriga. Santiago do Cacém (Portugal). *Caesaraugusta - Publicaciones del Seminario de Arqueologia y Numismática Aragonesas* 57-58: 51-109.
- BALIL ILIANA, A. (1962) - Muñecas antiguas en España. *Archivo Español de Arqueologia* 30: 70-85.
- BARATA, M. F. (1997) - *Miróbriga: Urbanismo e Arquitectura*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras, Universidade do Porto.
- BAYER RODRIGUEZ, X. (2015) - *El Culto de Cibeles e Attis en la Hispania romana: restos arqueológicos y epigráficos*. Master em Pré-história y Arqueologia apresentada à Facultad de Filosofia e Letras, Universidad de Cantabria.
- BEARD, M. - NORTH, J. - PRICE, S. (1998) - *Religions of Rome, Volume 2 - A sourcebook*. Cambridge.
- BIERS, W. R. (ed.) (1988) - *Mirobriga. Investigations at an Iron Age and Roman site in southern Portugal by the University of Missouri-Columbia, 1981-1986*. Oxford (B.A.R. International Series 451).
- BONIFAY, M. (2004) - *Études sur la Céramique romaine tardive d'Afrique*. Oxford (B.A.R. International Series 1301).
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1984) - *Inscrições Romanas do Conventus Pacencis*. Coimbra.
- FELÍCIO, C. (2019) - *Gestão de Resíduos em Mirobriga - O Sistema de Saneamento (Séculos I-IV d.C.)*. Dissertação de mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- GIMBUTAS, M. (1982) - *The Goddesses and Gods of Old Europe - 6500-3500 B.C. - Myths and Cult Images*. Berkeley - Los Angeles.
- HAYES, J. W. (1972) - *Late Roman Pottery*. London.
- HANSEN, S. (2011) - Figurines in Pietrele: Copper Age Ideology. *Documenta Praehistorica* XXXVIII: 117-129
- HERAS MORA, F. J. (2011) - *Un edificio singular de la Mérida tardorromana: Un posible centro de culto metróaco y rituales taurobólicos*. Mérida (ATAECINA 8).
- HERAS MORA, F. J. (2014) - Sobre un posible modelo de arquitectura pagana en Hispania. In *CIAC Actas XVIII Congreso Internacional de Arqueología Clásica, Vol. II, Centro y Periferia en el Mundo Clásico*. Mérida: 1535-1538.
- HERAS MORA, F. X. - BUSTAMANTE ALVAREZ, M. - ARANDA CISNEROS, J. A. (2012) - Figurillas femeninas en hueso. Función y contexto de un tipo particular de amuleto romano de Lusitania. *Habis* 43: 177-212.
- HERAS MORA, F. X. - OLMEDO GRAGERA, A. B. - PÉREZ MAESTRO, C. (2017) - Dinámica urbana en el Suburbio Norte de Augusta Emerita – Síntesis diacrónica de las excavaciones en el llamado «Corralón De Los Blanes». *Mérida excavaciones arqueológicas 2006-2008*: 707-749.
- MALUQUER DE MOTES I NICOLAU, J. (1956) - Sobre los amuletos de hueso femeninos del Museo de Mérida. In *Homenaje al Conde de la Vega del Sella*. Oviedo: 293-297.
- MATIAS, J. - VALE, F. - BARATA, F. - CESÁRIO, G. (2010) - *Miróbriga – o tempo ao longo do tempo, História e Historiografia, Investigação em Miróbriga (Catálogo da Exposição)*. Santiago do Cacém.
- PONTE, S. da (1979) - As fíbulas de Miróbriga. *Setúbal Arqueológica V*: 195-204
- QUARESMA, J. C. (2012) - *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)*. Lisboa (Estudos e Memórias 4).
- REIS, S. H. dos (2014) - *Religião e Sociedade no Municipium Olisiponense*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- SOARES, J. - SILVA, C. T. da (1979) - Cerâmica pré-romana de Miróbriga (Santiago de Cacém). *Setúbal Arqueológica V*: 159-184
- SOUSA, F. (2018) - *A Casa da Calçada, Mirobriga. Diacronia de um Edifício Habitacional de Época Romana (Séculos I-IV)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Universidade de Nova de Lisboa.
- TEICHNER, F. (2018) - Baugeschichtliche und stratigraphische untersuchungen im bereich des Forums. In TEICHNER, F. (hrsg) *Mirobriga. Eine Stadt im fernen Westen des Imperium Romanum*. Marburg (Kleine Schriften aus dem Vorgeschichtlichen Seminar Marburg 62): 156-182.
- TEICHNER, F. (hrsg) - CORTES, A. - GRABHERR, G. - JANKOWIAK, A. - QUARESMA, J. C. - KOPF, J. - OBERHOFER, K. - PEÑA CERVANTES, Y. - PRUST, A. - SCHRÖER, S. (2018) - *Mirobriga. Eine Stadt im fernen Westen des Imperium Romanum*. Marburg (Kleine Schriften aus dem Vorgeschichtlichen Seminar Marburg 62).
- TURCAN, R. (1989) - *Les cultes orientaux dans le monde romain*. Paris.

OPHIUSSA

POLÍTICA EDITORIAL

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa foi iniciada em 1996, tendo sido editado o volume 0. A partir do volume 1 (2017) é uma edição impressa e digital da UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

O principal objectivo desta revista é a publicação e divulgação de trabalhos com manifesto interesse, qualidade e rigor científico sobre temas de Pré-História e Arqueologia, sobretudo do território europeu e da bacia do Mediterrâneo.

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa publicará um volume anual. A partir de 2018, os artigos submetidos serão sujeitos a um processo de avaliação por parte de revisores externos (*peer review*). O período de submissão de trabalhos decorrerá sempre no primeiro trimestre e a edição ocorrerá no último trimestre de cada ano.

A revista divide-se em duas secções: artigos científicos e recensões bibliográficas. Excepcionalmente poderão ser aceites textos de carácter introdutório, no âmbito de homenagens ou divulgações específicas, que não serão submetidos à avaliação por pares. Isentas desta avaliação estão também as recensões bibliográficas.

Todas as submissões serão avaliadas, em primeira instância, pela Coordenação Editorial, no que respeita ao seu conteúdo formal e à sua adequação face à política editorial e às normas de edição da revista. Os trabalhos que cumprirem estes requisitos serão posteriormente submetidos a um processo de avaliação por pares cega / *blind peer review* (mínimo de dois revisores). O Conselho Científico, constituído pela direcção da UNIARQ e por investigadores externos, acompanhará o processo de edição.

Esta etapa será concretizada por investigadores externos qualificados, sendo os respectivos pareceres entregues num período não superior a três meses. Os revisores procederão à avaliação de forma objectiva, tendo em vista a qualidade do conteúdo da revista; as suas críticas, sugestões e comentários serão, na medida do possível, construtivos, respeitando as capacidades intelectuais do(s) autor(es). Após a recepção dos pareceres, o(s) autor(es) tem um prazo máximo de um mês para proceder às alterações oportunas e reenviar o trabalho.

A aceitação ou recusa de artigos terá como únicos factores de ponderação a sua originalidade e qualidade científica. O processo de revisão é confidencial, estando assegurado o anonimato dos avaliadores e dos autores dos trabalhos, neste último caso até à data da sua publicação.

Os trabalhos só serão aceites para publicação a partir do momento em que se conclua o processo da revisão por pares. Os textos que não forem aceites serão devolvidos aos seus autores. O conteúdo dos trabalhos é da inteira responsabilidade do(s) autor(es) e não expressa a posição ou opinião do Conselho Científico ou da Coordenação Editorial. A Revista *Ophiussa* segue as orientações estabelecidas pelo Committee on Publication Ethics (COPE, Comité de Ética em Publicações): <https://publicationethics.org/>

O processo editorial decorrerá de forma objectiva, imparcial e anónima. Erros ou problemas detetados após a publicação serão investigados e, se comprovados, haverá lugar à publicação de correções, retratações e/ou respostas. As colaborações submetidas para publicação devem ser inéditas. As propostas de artigo não podem incluir qualquer problema de falsificação ou de plágio. Para efeito de detecção de plágio será utilizada a plataforma URKUNDU.

As ilustrações que não sejam do(s) autor(es) devem indicar a sua procedência. O Conselho Científico e a Coordenação Editorial assumem que os autores solicitaram e receberam autorização para a reprodução dessas ilustrações, e, como tal, rejeitam a responsabilidade do uso não autorizado das ilustrações e das consequências legais por infracção de direitos de propriedade intelectual.

É assumido que todos os Autores fizeram uma contribuição relevante para a pesquisa reportada e concordam com o manuscrito submetido. Os Autores devem declarar de forma clara eventuais conflitos de interesse. As colaborações submetidas que, direta ou indiretamente, tiveram o apoio económico de terceiros, devem claramente declarar essas fontes de financiamento.

Os textos propostos para publicação devem ser inéditos e não deverão ter sido submetidos a qualquer outra revista ou edição electrónica. Aceitam-se trabalhos redigidos em português, inglês, espanhol, italiano e francês.

Esta edição disponibiliza de imediato e gratuitamente a totalidade dos seus conteúdos, em acesso aberto, de forma a promover, globalmente, a circulação e intercâmbio dos resultados da investigação científica e do conhecimento.

A publicação de textos na *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa não implica o pagamento de qualquer taxa nem dá direito a qualquer remuneração económica.

Esta publicação dispõe de uma versão impressa, a preto e branco, com uma tiragem limitada, que será distribuída gratuitamente pelas bibliotecas e instituições mais relevantes internacionalmente, e intercambiada com publicações periódicas da mesma especialidade, que serão integradas na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Conta, paralelamente, com uma versão digital, a cores, disponibilizada no endereço www.ophiussa.letras.ulisboa.pt, onde se pode consultar a totalidade da edição.

Para mais informações: ophiussa@letras.ulisboa.pt

OPHIUSSA

EDITORIAL POLICY

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa started in 1996, with the edition of volume 0. From 2017, this journal is a printed and digital edition of UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

The main objective of this journal is the publication and dissemination of papers of interest, quality and scientific rigor concerning Prehistory and Archeology, mostly from Europe and the Mediterranean basin.

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa will publish an annual volume. From 2018, submitted articles will be subject to a peer-review evaluation process. The submission period will always occur in the first quarter of each year and the edition will occur in the last quarter.

The journal is divided into two sections: scientific articles and bibliographic reviews. Exceptionally, texts of an introductory nature may be accepted, in the context of specific tributes or divulgations, which will not be submitted to peer-review evaluation. Exemptions from this evaluation are also the bibliographic reviews.

All submissions will be considered, in the first instance, by the Editorial Board, regarding its formal content and adequacy in face of the editorial policy and the journal's editing standards. Papers that meet these requirements will subsequently be submitted to a blind peer-review process (minimum of two reviewers). The Scientific Council, constituted by the directors of UNIARQ and external researchers, will follow the editing process.

This stage will be carried out by qualified external researchers, and their feedback will be delivered within a period of no more than two months. The reviewers will carry out the evaluation in an objective manner, in view of the quality and content of the journal; their criticisms, suggestions and comments will be, as far as possible, constructive, respecting the intellectual abilities of the author (s). After receiving the feedback, the author(s) has a maximum period of one month to make the necessary changes and resubmit the work.

Acceptance or refusal of articles will have as sole factors of consideration their originality and scientific quality.

The review process is confidential, with the anonymity of the evaluators and authors of the works being ensured, in the latter case up to the date of its publication.

Papers will only be accepted for publication as soon as the peer review process is completed. Texts that are not accepted will be returned to their authors. The content of the works is entirely the responsibility of the author(s) and does not express the position or opinion of the Scientific Council or Editorial Board.

The Journal *Ophiussa* follows the guidelines established by the Committee on Publication Ethics (COPE, the Ethics Committee Publications): <https://publicationethics.org/>

The editorial process will be conducted objectively, impartially and anonymously. Errors or problems detected after publication will be investigated and, if proven, corrections, retractions and / or responses will be published. Contributions submitted for publication must be unpublished. Article submissions can not include any problem of forgery or plagiarism. In order to detect plagiarism, the URKUNDU platform will be used.

Illustrations that are not from the author(s) must indicate their origin. The Scientific Council and Editorial Board assume that the authors have requested and received permission to reproduce these illustrations and, as such, reject the responsibility for the unauthorized use of the illustrations and legal consequences for infringement of intellectual property rights.

It is assumed that all Authors have made a relevant contribution to the reported research and agree with the manuscript submitted. Authors must clearly state any conflicts of interest. Collaborations submitted that directly or indirectly had the financial support of third parties must clearly state these sources of funding.

Texts proposed for publication must be unpublished and should not have been submitted to any other journal or electronic edition. Works written in Portuguese, English, Spanish, Italian and French are accepted.

The publication of texts in *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa does not imply the payment of any fee nor does it entitle to any economic remuneration.

This edition immediately and freely provides all of its content, in open access, in order to promote global circulation and exchange of scientific research and knowledge.

This publication has a limited printed edition in black and white, which will be distributed free of charge by the most relevant international libraries and institutions, and exchanged with periodicals of the same specialty, which will be integrated in the Library of Faculdade de Letras of Universidade de Lisboa. It also has a digital version, in color, available at address <http://ophiussa.letras.ulisboa.pt>, where one can consult the entire edition.

For more information contact: ophiussa@letras.ulisboa.pt

ÍNDICE

<i>CÉSAR NEVES</i> - O Neolítico Médio em Portugal: percurso de investigação	5
<i>SEBASTIÁN CELESTINO PÉREZ</i> - <i>ESTHER RODRÍGUEZ GONZÁLEZ</i> - El santuario de Cancho Roano C: un espacio consagrado a Baal y Astarté	27
<i>JOÃO PIMENTA</i> - <i>CARLOS TAVARES DA SILVA</i> - <i>JOAQUINA SOARES</i> - <i>TERESA RITA PEREIRA</i> - Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos	45
<i>GIL VILARINHO</i> - <i>A terra sigillata</i> do Castro de Romariz (Santa Maria da Feira, Aveiro): da romanização ao abandono de um povoado fortificado no Noroeste Peninsular	81
<i>ANA MARGARIDA ARRUDA</i> - Ânforas da Quinta do Lago (Loulé, Portugal): as importações	93
<i>FILIPA ARAÚJO DOS SANTOS</i> - Estudos sobre a cerâmica comum da Oficina de Salga 1 de Tróia (Grândola, Portugal): contextos da primeira metade do século V	111
<i>CATARINA FELÍCIO</i> - <i>FILIPE SOUSA</i> - Dois amuletos em osso de <i>Mirobriga</i> - evidências do culto de Magna Mater?	133
<i>TÂNIA MANUEL CASIMIRO</i> - <i>SARAH NEWSTEAD</i> - 400 years of water consumption: early modern pottery cups in Portugal	145
<i>JOAQUINA SOARES</i> - <i>LÍDIA FERNANDES</i> - <i>CARLOS TAVARES DA SILVA</i> - <i>TERESA RITA PEREIRA</i> - <i>SUSANA DUARTE</i> - <i>ANTÓNIA COELHO-SOARES</i> - Preexistências de Setúbal: intervenção arqueológica na Rua Vasco Soveral 8-12	155
RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS (textos de António F. Carvalho, Victor S. Gonçalves, Francisco B. Gomes, Carlos Pereira, Jesús Acero Pérez e Carmen R. Cañas)	185
<i>IN MEMORIAM</i> - PEDRO MIGUEL CORREIA MARQUES (1979-2019) (texto de Amílcar Guerra) ..	211

